Mutirão Agroecológico Hortear: um relato de experiência pedagógica na E. E. Lino Villachá

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre o Projeto Mutirão Agroecológico Hortear, uma iniciativa pedagógica desenvolvida a partir de 2017 na Escola Estadual Lino Villachá, localizada no bairro Nova Lima, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O que começou como um projeto de educação ambiental, centrado na recuperação de uma área verde foi se transformando, ao longo do tempo, em algo muito maior: a própria identidade da escola. O projeto adotou como fundamento, teórico e prático, a compreensão ecológica do solo vivo, da biodiversidade, da biocenose, da integração estratégica entre culturas, isto é, o manejo agroecológico, a partir da experiência concreta e do contato com a terra, as sementes e as plantas. As atividades, oficinas, planejamento e organização, constituíram-se como momentos de aprendizagem intencional, nos quais os estudantes se engajaram em diferentes frentes: manejo do solo, plantio de mudas, preparação de lanches coletivos, limpeza de ferramentas e criação da identidade visual do projeto. Desenvolvidas de forma coletiva, tais ações possibilitaram a articulação entre prática e conhecimento, favorecendo a compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza. Os estudantes passaram a frequentar a escola aos sábados por iniciativa própria, motivados pelo sentimento de pertencimento construído no âmbito do projeto. Destaca-se, nesse contexto, a ressignificação do tempo livre dos estudantes, que passou a se constituir como tempo de aprendizagem, cuidado e integração com a comunidade escolar, evidenciando a potência formativa da proposta. Com os primeiros indicadores de prática exitosa o projeto foi alcançando um amadurecimento. A área verde deixou de ser apenas um espaço de cultivo à margem da escola para se tornar um território pedagógico integrador, a nova sala de aula. Por isso ela se fez presente nos planejamentos das disciplinas, tanto em aulas teóricas e práticas. Aos poucos essa proposta de ensino foi incorporada ao PPP da escola, o que marcou a consolidação institucional do projeto. Na medida em que interagíamos com o ambiente as idealizações se potencializavam. Os professores passaram a se apropriar do espaço em uma perspectiva didático-pedagógica, buscando articular os conteúdos curriculares a práticas de ensino mais significativas e mobilizadoras para os estudantes. Por sua vez, os estudantes identificaram, especialmente nos mutirões uma nova forma de relação com os docentes e com o conhecimento, marcada por um ambiente mais flexível e pelo caráter voluntário da participação, o que favoreceu o engajamento em torno de interesses e objetivos comuns. A metodologia foi se desenvolvendo ao longo das práticas dos mutirões, mas desde o início elas se fundamentou em três conceitos centrais: 1) A agroecologia orientou o projeto, com foco no manejo do solo, diversidade de espécies, especialmente as PANCs, conservação do solo e fortalecimento da microfauna e microflora. Temas como agrofloresta, consórcios vegetais e biocenose estruturaram as práticas e investigações desenvolvidas. O projeto apoiou-se em referenciais da agroecologia articulados aos saberes práticos de agricultores familiares e de outros colaboradores. 2) O voluntariado foi adotado como estratégia de engajamento, estimulando a participação dos estudantes por interesse genuíno, e não por recompensas escolares. Essa prática resgatou

a identidade da comunidade, marcada pela origem da própria escola em mutirões realizados na década de 1980. 3) A visão crítica da Educação Ambiental revelou uma característica do grupo de professores que idealizaram o projeto e que o mantinham em funcionamento. Daí a recusa em associar o projeto ao simples termo horta escolar. Na nossa compreensão um projeto de Educação Ambiental que se propusesse, apenas, a produzir hortaliças convencionais, não atingiria o grau de crítica necessário ao contexto social e pedagógico no qual nos encontrávamos. Pelo contrário, no nosso entender a horta enquanto projeto escolar revela a reprodução da ideologia capitalista consolidada no trabalho rural e demonstra a continuidade do pensamento simplificador impetrado no imaginário do camponês após a Revolução Verde, que tanto impactou a agricultura brasileira. Nossa busca era pela transformação, dos sujeitos e do ambiente. A agroecologia constituiu-se como mediação para a reorganização da *práxis* educativa, ao possibilitar a articulação entre os conteúdos escolares e as condições concretas de produção da vida, embasada pela Pedagogia Histórico-Crítica. Assim, as experiências vivenciadas passaram a ser tomadas como ponto de partida para o planejamento pedagógico, sendo, na sequência, sistematizadas à luz dos conhecimentos científicos de cada área. Esse movimento contínuo entre prática e teorização possibilitou o retorno à ação em níveis mais elaborados de compreensão, aproximando os estudantes da apreensão concreta e crítica da realidade. Nas aulas de Filosofia e Sociologia as questões sobre ética, política e sociedade buscavam relacionar de forma problematizadora os impactos ambientais e sociais que permeavam o espaço local: a escola, o bairro. Discutimos porque na nossa alimentação os alimentos, ditos comuns, tem origem estrangeira, como o arroz, a banana e a carne bovina. Descobrimos quais alimentos nativos se tornaram convencionais e quais deles nos rodeavam, apesar de os ignorarmos como fonte de nutrientes. Isso trouxe a pauta questionamentos sobre como organizamos o conhecimento histórico sobre o Brasil e como a colonização portuguesa, as matrizes africana e dos povos originários contribuíram na formação de nossa gastronomia. Desde então, aquele “mato” popularmente conhecido como Major Gomes, *Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn*., a ora-pro-nobis, *Pereskia aculeata Mill*., a taioba, *Xantosoma taioba E.G. Gonç*., o jatobá, *Hymenaea courbaril L*., e outras espécies passaram a ganhar outro significado em nosso cotidiano. Seja por curiosidade ou pelo desenvolvimento incipiente do senso crítico, novas experiências gastronômicas passaram a fazer parte dos mutirões, na hora mais aguardada por todos: a hora do lanche. Nas aulas de Física os alunos passaram a conhecer o calendário da agricultura biodinâmica e como os astros interferem no desenvolvimento dos vegetais. Temas como calor e energia passaram a ter um significado prático, aos sábados, fora do ritmo escolar, sem avaliações, sem provas ou testes. Passamos a enxergar como as “ciências duras” ultrapassam a abstração das fórmulas e desenhos explicativos usados de maneira tradicional e rotineira em sala. Esse conhecimento se tornou prático, orgânico. Com o tempo criou-se uma interface entre os mutirões, que eram informais, com as práticas formais de sala de aula. Encontramos pontos comuns entre os conteúdos curriculares e desenvolvemos práticas exitosas para utilizar o espaço do projeto através das disciplinas. Nas aulas da professora regente a agroecologia permeava desde a alfabetização até o letramento dos alunos. Dotada de uma criatividade surreal e de um engajamento

pedagógico com o projeto, as atividades em sala passaram da simples contextualização para aulas práticas com a turma toda na área cultivada. Plantar mudas, sementes ou estacas, identificar plantas comestíveis, colher partes delas para prepará-las para o consumo foram ações desenvolvidas inclusive na rotina bimestral desta pedagoga. Com o professor de matemática os alunos mediram, calcularam a área da agrofloresta. Projetaram e construíram uma composteira com captação de biofertilizante. Coletaram o adubo líquido e descobriram proporções de diluição para aplicação do produto. O projeto tornou-se tão extenso em termos de participação que que todas as turmas, desde o Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Técnico participaram do projeto. A culminância pedagógica das práticas ocorreu em 2019, último ano do projeto. Na ocasião a escola havia passado por uma reforma e haveria uma inauguração das melhorias estruturais. Por isso, o diretor pediu que os professores gestores do projeto e os alunos engajados demonstrassem o resultado das práticas desenvolvidas até então. Foi uma forma de saudar o projeto e de expor publicamente a mudança de identidade da unidade escolar. A experiência de trabalhar com este projeto foi enriquecedora e contribuiu para a melhoria da nossa prática pedagógica. Isto porque a medida em que desenvolvemos atividades, os alunos aprenderam na prática a teoria. A este processo atribuímos o movimento epistémico que transformava o aluno empírico, no aluno concreto. Projetos com esta abordagem colocam o aluno como protagonista da própria aprendizagem, incentiva o pensamento crítico e reflexivo acerca das questões ambientais e científicas que compõe as disciplinas curriculares. Do ponto de vista pedagógico, os docentes ressignificaram suas práticas, reelaborando metodologias e recursos didáticos em maior consonância com a realidade concreta. Nos estudantes, observou-se a incorporação das experiências vividas, expressa no fortalecimento do vínculo com o projeto e em mudanças que ultrapassaram o âmbito escolar, alcançando seus projetos de vida e o contexto familiar, indicando um processo de apropriação crítica dos conhecimentos. Consideramos também que conseguimos resgatar o “espírito” do trabalho coletivo encontrando na própria memória da escola através da força do mutirão. Somado a tudo isso, percebemos que as ações trouxeram mudanças na organização pedagógica das aulas, na gestão democrática, que se construiu de forma participativa. O projeto foi interrompido, em 2020, por um evento de caráter global e pandêmico, a COVID-19. Somente um evento externo, desta magnitude, seria capaz de cessar os mutirões do projeto Hortear. Contudo consolidaram-se em nossa memória e em nossas práticas os aprendizados e experiências desta escola que ousou inovar no modo de ensinar e de aprender. Somos gratos pelos colaboradores, professores, aos alunos e à gestão escolar por acreditarem na transformação da escola, a partir de nós mesmos.

Palavras-chave: Agroecologia, Mutirão, Pedagogia Histórico Crítica.